

Atendimento médico: Estrutura assassina

MARILÚ CABANAS *

Uma taxista assaltado, numa noite de trabalho, é baleado no pescoço e espera seis horas para ser atendido no Pronto-Socorro de um hospital municipal.

Uma jovem, internada num hospital particular credenciado ao Inamps, que precisava fazer hemodiálise em outro hospital, a 100 metros, é transportada numa maca, pela rua, por falta de ambulância. No final do trajeto ela morre.

Num Centro de Saúde do Estado são constatados 48 mil medicamentos vencidos e faltam remédios básicos como AAS, xarope e para tuberculose e verminose.

Para uma segurada no Inamps submeter-se a uma cirurgia corretiva nos seios, por intermédio de um dos Postos de Atendimento Médico — PAMs do Inamps, o mais especializado, ela precisa esperar pelo menos três anos na fila. Pagando por fora, é atendida em 15 dias.

Um hospital particular credenciado ao Inamps cobrava do segurado, há sete meses, Cz\$ 10 mil cruzados para o transporte de um paciente para outro hospital.

Esses são apenas alguns exemplos de como o segurado do Inamps, aqui no estado de São Paulo, é tratado tanto na rede pública como na particular credenciada à Presidência. Algumas perguntas estão na boca de qualquer segurado do Inamps e soam como um eco unânime: "Para onde vai o dinheiro que é descontado no pagamento todos os meses? Não daria para pagar o atendimento que eventualmente eu necessito?". Nas filas intermináveis do Inamps, esse é o desabafo.

Longe de ter como prioridade salvar vidas, a estrutura de atendimento médico em São Paulo está matando. Mortes que poderiam ser evitadas são o resultado da polícia de saúde que se deteriorou? Completamente. É o caso que comoveu o diretor do Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, Prof. Hélio Egídio Nogueira.

"O Hospital São Paulo estava lotado. Recebeu uma criança de dois anos de idade com broncopneumonia, mais anemia acentuada. Por absoluta falta de vagas, meu plantonista encaminhou essa criança a um outro hospital, após manter contato com a média de plantão desse outro hospital. A criança foi para lá encaminhada. Infelizmente, seis horas depois a médica ligava para o Pronto-Socorro do Hospital São Paulo dizendo que ia reencaminhar a criança para o nosso hospital. Infelizmente, essa criança chegou ao hospital São Paulo morta. É isso que ocorre. Inclusive fui conversar com o médico da equipe e até junto com ele pensamos se não seria melhor se a gente dobrasse um cobertor em quatro, colocasse no chão já que não tinha vaga. Aqui, soro não falta, nem antibiótico e sangue, provavelmente, não sei, a criança estivesse viva hoje".

Já é comum em São Paulo o paciente, com traumatismo craniano, queimadura, ou enfermidade grave, ficar perambulando numa ambulância à procura de socorro. É a chamada "rebocoterapia". O paciente chega a peregrinar por vários hospitais credenciados ao Inamps, e a maioria alega não ter vagas dependendo da patologia. Apesar da existência de vagas, o não atendimento tem alguns motivos, entre eles o não aparelhamento adequado para atender, ou o tratamento de uma determinada doença pode significar prejuízo ao hospital devido ao alto custo que ela demandaria. Com isso os hospitais-escola especializados, como o Hospital das Clínicas, Santa Casa e o Hospital São Paulo vivem constantemente lotados.

O Hospital das Clínicas anda tão sobrecarregado que os pacientes chegam a ser internados nas macas pelo corredor do Pronto-Socorro. O trânsito de macas é tão grande que chega a congestionar o corredor, com até 21 doentes sendo atendidos provisoriamente.

O Superintendente do Hospital das Clínicas, Vicente Amato, informou que o serviço de Pronto-Socorro dispõe de 100 leitos, contando com sua área de retaguarda, e atende por dia, 700 casos.

"Estou sendo tratado muito bem. Tenho necessidade de operar da hérnia. Vim há dois dias, foi rápido. Ninguém diz que isso aqui é do INPS". Essa avaliação é feita constantemente por segurados do Inamps, no Hospital Humberto Primo, ex-Matarazzo, que vive hoje a fase do Conselho Diretor, formado por membros da Secretaria de Saúde do Estado, do Inamps, da Sociedade Beneficente (colônia italiana), de funcionários e de médicos do hospital. Existe um plano diretor que é fiscalizado constantemente por todos os membros. Uma reclamação que o hospital pretende resolver é quanto às filas nos ambulatórios.